

## ARTE CONTEMPORÂNEA E ANCESTRALIDADE: VIDEOARTES PARA ADIAR O FIM DO MUNDO

## CONTEMPORARY ART AND ANCESTRY: VIDEO ART TO DELAY THE END OF THE WORLD

Carlos Dornelles Lopes Monte<sup>1</sup>  
UFC  
Não

Wendel Alves de Medeiros<sup>2</sup>  
IFCE/UFC  
Sim

### RESUMO

Este trabalho é uma pesquisa em ensino de artes visuais, que tem como objetivo analisar as transformações nas percepções dos alunos sobre suas interações com o meio ambiente, a partir da produção e apreciação de videoartes, durante a aplicação de uma proposta de ensino de artes visuais. Analisamos os dados a partir da técnica de análise de conteúdo, de Bardin (2016), interpretando-os conforme a perspectiva da cosmologia e confluências. Como resultado, identificamos que os alunos construíram novos olhares e formas de se relacionar com o meio ambiente, fundamentados nos conhecimentos sobre videoarte, patrimônio cultural imaterial e a preservação ambiental. Assim, ressaltamos a importância de trabalhar com a arte contemporânea no espaço escolar, como meio de promover em nossos discentes, experiências sensíveis e reflexões críticas em relação aos ecossistemas.

**Palavras-Chave:** Arte contemporânea. Videoarte. Ancestralidade. Meio Ambiente. Confluências.

### ABSTRACT

This research study focuses on visual arts education, analyzing the transformations in students' perceptions of their interactions with the environment through the production and appreciation of video art during the implementation of a visual arts teaching program. We analyzed the data using Bardin's (2016) content analysis technique, interpreting them from the perspective of cosmology and confluences. As a result, we identified that students developed new perspectives and ways of relating to the environment, based on their knowledge of video art, intangible cultural heritage, and environmental preservation. Thus, we emphasize the importance of working with contemporary art in schools as a means of fostering sensitive experiences and critical reflections on ecosystems in our students.

**KEYWORDS:** Contemporary art. Video art. Ancestry. Environment. Confluences.



## **Introdução**

A tecnologia que tem modificado as nossas formas de produzir e apreciar arte, também nos coloca à frente de um novo desafio, o de pensar o equilíbrio dos ecossistemas. De acordo com Leote (2014), vivemos em uma conjuntura que aceita a presença de múltiplas formas de arte e múltiplos processos poéticos, mais do que em qualquer época vivida até aqui. Como podemos pensar a atuação dessas múltiplas formas e processos para conscientizar as pessoas a se relacionarem melhor com o seu meio? Trazemos os conceitos de ancestralidade de Ailton Krenak (2022) e confluência de Nego Bispo (2023) para pensarmos como a arte contemporânea, especialmente a videoarte, pode nos ajudar a pensar uma ideia de adiar o fim do mundo. Esta é uma pesquisa em ensino de artes visuais, que apresenta os processos e resultados de uma proposta de ensino de artes visuais, que se utiliza de produções de videoarte e de reflexões sobre território e meio ambiente com alunos da 2ª Série da Escola Estadual de Ensino Médio em Tempo Integral Waldir Leopércio, localizada na cidade de Varjota, no estado do Ceará, no componente eletivo de Cinema e Audiovisual. Tivemos como objetivo analisar as transformações nas percepções dos alunos sobre suas interações com o meio ambiente, a partir da produção e apreciação de videoartes, durante a aplicação de uma proposta de ensino de artes visuais. Como pano de fundo para essa proposta, utilizamos uma lenda local que ainda povoa o imaginário e o saber popular do povo varjotense.

## **Metodologia**

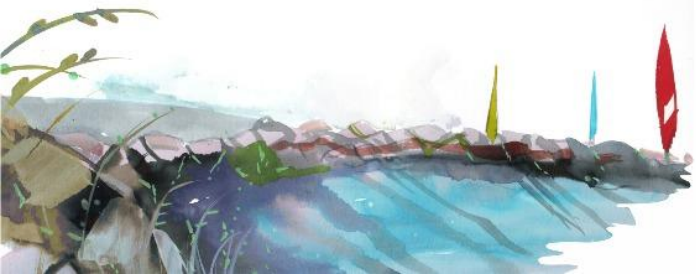
Essa é uma pesquisa em ensino de artes, de abordagem qualitativa, que trouxe reflexões e resultados de conteúdo de uma proposta de ensino de artes visuais desenvolvida em cinco encontros. Optamos por interpretar os dados produzidos através das lentes da perspectiva da cosmologia e confluências, por elas nos possibilitar compreender essa pesquisa a partir da visão de mundo na sua totalidade,



explorando as interconexões entre o referencial teórico e os dados produzidos. Para analisar os dados, utilizamos a técnica de análise de conteúdo, que segundo Bardin (2016) é composta por três fases: a 1. pré-análise; 2. a exploração do material; 3. e o tratamento dos resultados e interpretação. Na primeira etapa fizemos a leitura geral das videoartes produzidas pelos alunos e de trabalhos de videoartes de outros artistas. Em seguida houve a decomposição, análise, categorização e descrição do material, onde através de encontros coletivos, os alunos relataram suas vivências e seus atravessamentos, de forma oral e nos portfólios escritos. Por fim realizamos as inferências a partir do tratamento dado aos dados na etapa anterior e a interpretação dos resultados alcançados na investigação com ajuda da fundamentação teórica. O primeiro encontro foi realizado com a exposição de videoartes, produzidas pelos próprios alunos, organizadas em forma de videoinstalação e intitulada de “A magia do Açude Araras”, dentro do espaço escolar. Após a curadoria e montagem do espaço de videoinstalação, realizamos um estudo sobre a série de videoartes *Martyrs (2014)*, do artista Bill Viola, (1951-2024). O terceiro encontro foi realizado no mirante do Açude Araras. O quarto encontro foi no jardim da Escola, para a leitura e discussão do texto, “A arte para adiar o fim do mundo”, do grupo ArteVersa. No quinto e último encontro, realizamos um momento de debate para percebermos as provocações e os aprendizados da proposta de ensino de artes visuais.

Para a produção de dados, foram realizadas escritas nos portfólios do professor e dos alunos, durante todos os encontros. As escritas das vivências, das confluências, dos atravessamentos e das mudanças de pensamento dos alunos, como resultado da proposta, trazem uma das principais características da pesquisa qualitativa.

A pesquisa qualitativa responde à questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes. Minayo (2009, p. 21 e 22).



Segundo Minayo (2009), a pesquisa qualitativa tem como propósito interpretar e compreender as particularidades dos sujeitos e de suas ações. Esse método de investigação se mostra adequado para esta pesquisa, uma vez que reconhece que cada pessoa é singular e se expressa de maneira diferente, de acordo com seu contexto social e cultural.

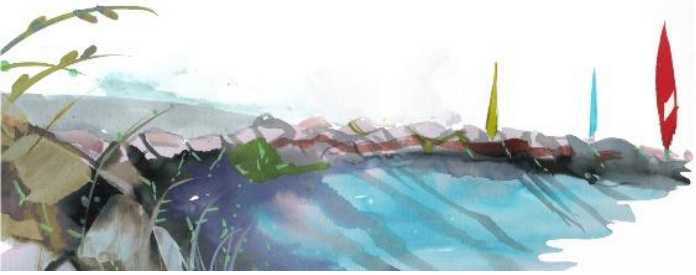
## **Discussão teórica**

A fundamentação teórica desta pesquisa está ancorada nas contribuições de diversos autores que refletem sobre arte contemporânea, videoarte e as interações entre o ser humano e a natureza. Para isso, adotamos os conceitos de videoarte apresentados por Medeiros (2020), de pedagogia da videoarte segundo Cohn (2022), de ancestralidade a partir das reflexões de Krenak (2022) e de confluência conforme Santos (2023).

De acordo com Cunha e Carvalho (2021), é importante destacar que são características da arte contemporânea, a tendência à ruptura das fronteiras entre as linguagens (pintura, desenho, escultura, gravura) e da rigidez entre elas. De acordo com os autores, a arte contemporânea está no campo da possibilidade e da experimentação. O desejo de criar está amplamente acompanhado de despertar sentimentos e reações.

Outro aspecto diz respeito à obra não como narrativa fechada, mas aberta, que se expande e se modifica pelos pensamentos e significações que são despreendidas a partir dos espectadores, os quais não são passivos diante das obras, mas ativos e participantes. (Cunha e Carvalho, 2021, p. 83).

Para Cunha e Carvalho (2021), a arte contemporânea parte do intuito de convidar o espectador para adentrar, participar e até modificar a obra. Mas na verdade, o que nos atrai diante de uma obra de arte contemporânea? Pinker (2004, p.410), nos diz que “[...] o que nos atrai para uma obra de arte não é apenas a experiência sensitiva do meio de comunicação, mas seu conteúdo emocional e seu vislumbre da condição humana”.



# extremos

34° Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

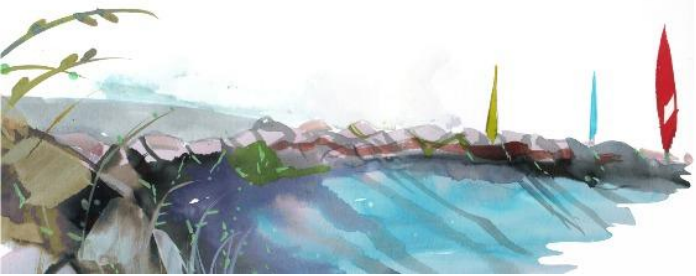
Krenak (2022) inicia sua obra *Futuro Ancestral* com uma afirmação provocativa, ao relatar a conversa entre duas crianças indígenas que, enquanto remam uma canoa, dizem: *“Nossos pais dizem que nós já estamos chegando perto de como era antigamente”* (p.06). Nasce na contemporaneidade um pensamento ancestral e uma necessidade de nos conectarmos com essa ancestralidade. Essa ancestralidade não é apenas viver como no passado, mas parte da ideia de entender que não temos a natureza, nós somos a própria natureza. Para Krenak (2020), o rio Doce, que nós, os Hrenak, chamamos de Watu, nosso avô, é uma pessoa, não um recurso, como dizem os economistas.

Essa humanidade que não reconhece que aquele rio que está em coma é também o nosso avô, que a montanha explorada em algum lugar da África ou da América do Sul é transformada em mercadoria em algum outro lugar é também o avô, a avó, a mãe o irmão de alguma constelação de seres que continuam compartilhando a vida nesta casa comum que chamamos de Terra. (Krenak, 2020, p.48).

Na visão de Krenak (2020) não devemos agir no pensamento de termos o rio, de termos a montanha, de termos a terra, extraindo desses ecossistemas tudo que precisamos sem pensarmos em consequências.

Não tenho dúvida de que a confluência é a energia que está nos movendo para o compartilhamento, para o reconhecimento, para o respeito. Um rio não deixa de ser um rio porque conflui com outro rio, ao contrário, ele passa a ser ele mesmo e outros rios, ele se fortalece. Quando a gente confluência, a gente não deixa de ser a gente, a gente passa a ser a gente e outra gente – a gente rende. (Santos, 2023, p. 15).

Para Santos (2023), todos os seres vivos e não vivos devem coabitar em confluência, devem se integrar para se fortalecer. Não devemos agir apenas retirando dos ecossistemas o que precisamos, sem nos preocuparmos em repor. Essa ideia de só retirar da terra, nasce a partir da visão colonialista que nos foi imposta e ensinada. Para esse assombro, Santos (2023) nos traz a visão da cosmofobia, caracterizada pela aversão ou medo do cosmo, da natureza, frequentemente associada a uma perspectiva colonialista e monoteísta. Para o autor, a cosmofobia é a necessidade de



# extremos

34° Encontro Nacional *anpap* FURG Rio Grande/RS

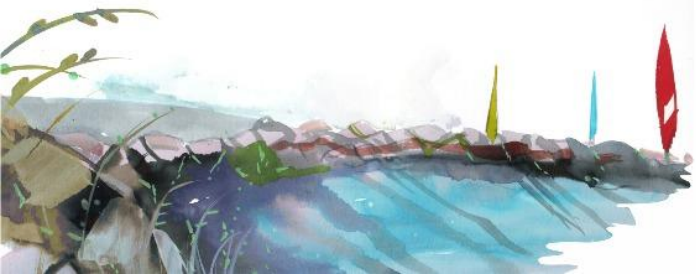
desenvolver, de desconectar, de afastar-se da originalidade. A cosmofobia é a mesma coisa que o pecado original. E tudo o que é original assusta o eurocristão monoteísta. A cosmofobia é o medo, é uma doença que não tem cura, apenas imunidade. Para essa imunidade Santos (2023) nos traz o termo contracolonialismo. Contracolonizar é afirmar que nossos modos de viver, nossas tecnologias e conhecimentos são válidos, são legítimos, e não precisam da autorização de ninguém para existir.

Os saberes populares e religiosos dos povos indígenas e dos povos de matriz africana foram historicamente alvo de ataques e tentativas de apagamento. Sobre esses saberes, foi imposta uma cultura dominante, que se estabeleceu de maneira autoritária, buscando deslegitimar e substituir os conhecimentos ancestrais.

A arte contemporânea nos permite vislumbrar a condição humana a partir dos saberes ancestrais. Esses saberes podem estar presentes nas obras como formas de resistência, memória e reflexão. Krenak (2020) afirma que, para os povos Yanomami, o fim do mundo já chegou, devido à contaminação de suas terras e águas pela mineração. Da mesma forma, podemos refletir que, para os povos gaúchos, esse fim também se concretizou com as trágicas enchentes de 2024. Para muitos povos, o fim do mundo já é uma realidade. Diante disso, surge a pergunta: como podemos adiar esse fim através da arte?

Querem silenciar inclusive os encantados, reduzir a uma minina isso que seria “espiritual”, suprimir a experiência do corpo em comunhão com a folha, com o línquen e com a água, com o vento e com o fogo, com tudo que ativa nossa potência transcendente e que suplanta a mediocridade a que o humano tem se reduzido. (Krenak, 2022, p. 38).

Para Krenak (2022) nos distanciamos da terra, quando os ritos que evocam nossas ancestralidades são silenciados, quando achamos que não precisamos confluir com toda a dinâmica dançante dos seres vivos e não vivos, quando passamos a ignorar o orgânico e achar que o sintético é que caracteriza o desenvolvimento. Simas (2020) nos diz, que o contrário da vida não é a morte, é o desencantamento.



Precisamos vivermos encantados, em confluência, combatendo a cosmofofia e sendo contracolonialista.

A serpente, símbolo de transformação e renascimento em diversas culturas, está no centro da principal lenda de Varjota – CE. Após a construção do Açude Araras, em 1958, pescadores começaram a relatar fenômenos estranhos nas águas, que foram atribuídos à presença de uma grande serpente. A narrativa, enraizada na tradição ribeirinha, reflete aspectos sociais, culturais e simbólicos da região.

Diante desse fato, a lenda da serpente do Araras, ganha aspecto mais abrangente, no sentido territorial, quando ela desperta o imaginário de outras comunidades ribeirinhas e no sentido de sua própria essência, quando se transforma numa espécie de visão apocalíptica. As lendas populares procuram não somente remeter aos valores históricos, como também se auxiliam do poder de percepção: o ouvinte percebe a imagem, a mensagem, ou seja, aquilo para onde a história o transporta: não só no tempo, mas na mente. Aliás, tempo e espaço se confundem nesse espetáculo lendário que as histórias populares transmitem. (Chaves, 2012, p. 15).

Para Chaves (2012), o cruzamento entre tempo e espaço se dá ao evocamos o saber popular místico de determinados povos. Esse cruzamento confluência ancestralidade, futuro, natureza e forças. Para os povos varjotenses, a lenda da serpente do Açude Araras é algo orgânico e vivo no cotidiano daqueles que confluem com as águas, sejam banhistas, pescadores, lavadeiras ou demais povos ribeirinhos.

Mas o que a lenda da serpente do Açude Araras pode nos ensinar sobre confluências e ideias para adiar o fim do mundo? Como essa história do saber popular pode caber em uma ideia de arte contemporânea? Para filtrarmos uma forma de arte contemporânea, traremos uma discussão sobre a videoarte.

Entendemos que o vídeo excede o próprio terreno do visível, ele é o próprio ato do olhar. De acordo com Medeiros (2020), para melhor compreendermos as transformações do vídeo com a sua apropriação pelas artes visuais, faz-se necessário contextualizarmos a chegada da desmaterialização da arte e o surgimento de um novo



# extremos

34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

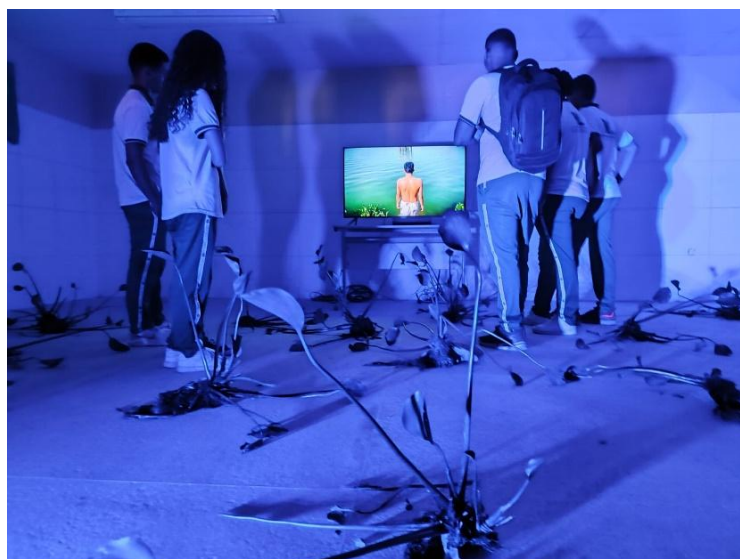
tipo de arte, no caso, a videoarte. Surge então uma nova forma de se expressar artisticamente através de imagens videográficas. A videoarte vem surgir tanto pela vontade de se utilizar do vídeo como expressão artística, como também de questionar o que seria ou não arte.

Partimos da hipótese de que a videoarte, modalidade de arte contemporânea que opera com imagens temporais, tem, em sua própria forma de apresentação, um alcance pedagógico. E que ela pode trazer contribuições ao ambiente educativo, ao abrir novas perspectivas de aprendizagem dentro do ensino de arte. Esse campo, como detalhamos mais adiante, opera na aproximação dos estudantes com obras de arte e cultura visual, objetivando a construção de novos olhares para as imagens do mundo, olhares que sejam sensíveis, emancipados e críticos. (Cohn, 2022 p.20).

Cohn (2022) destaca que, ao inserir a videoarte no ambiente escolar, é possível proporcionar aos alunos novos olhares sobre as imagens que os cercam. Dessa forma, essa prática contribui para a formação de percepções mais sensíveis, críticas e emancipadas. Assim, trazemos a videoarte para a sala de aula como forma de proporcionar momentos sensíveis de apropriação dos saberes locais e de ressignificarmos nossa interação com o meio ambiente.

## Resultados e Discursões

A pesquisa apresenta os resultados de cinco encontros pedagógicos focados na apreciação de videoartes, abordando lendas locais, saberes populares e questões ambientais.





# extremos

34° Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

Imagem 1. Videoarte – A magia do Araras, 2025. Digital, 7cm X 9cm. Fonte:  
<https://www.youtube.com/watch?v=-MvM9u8px1c&t=99s>

Como observamos na imagem 1, a primeira etapa foi a apresentação das videoartes produzidas pelos alunos no espaço escolar. Foram apresentadas cinco videoartes em forma de videoinstalação. As obras foram apresentadas para toda comunidade escolar, gerando grandes reflexões e impactos.

Nas videoinstalações, a multiplicação das telas ou projeções – que pode acontecer nas paredes, no chão, no teto, sobre objetos, etc – confere uma tridimensionalidade à obra, complexificando mais ainda a montagem espectral, pois, ali, o batimento cardíaco envolve-o, tanto em sua dimensão temporal como espacial, nos ritmos impostos pela sua própria movimentação na sala de exposição. (Cohn, 2022, p.145).

Segundo Cohn (2022), há diversas maneiras de apresentar a videoarte ao público. Por meio dessa linguagem, é possível criar uma atmosfera subjetiva e instigante, capaz de provocar o imaginário dos espectadores e proporcionar uma experiência sensível, reflexiva e diferenciada. Na criação da nossa videoinstalação, ambientamos uma sala que, além da projeção, contou com a inserção de plantas aquáticas e um sistema de iluminação azul. Também cuidamos da acústica, ajustando o som para compor a imersão sensorial do espaço.

Segue o depoimento de um aluno, após apreciar a videoinstalação:

“O vídeo é bem diferente, por não ter falas e diálogos. Se torna bem interessante assistir, uma experiência completamente diferente por ter uma ambientalização. Temos a impressão de que participamos da obra”. (Entrevista do Aluno 1, 2025).

A maioria dos alunos entrevistados relata que a ambientalização do espaço faz com que eles sejam transportados para as águas do Açude Araras, ocasionando, assim,



# extremos

34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

um maior aprofundamento nos assuntos abordados. Um outro fator observado é o sentimento de múltiplas interpretações geradas pelas videoartes, ao não apresentarem diálogos, personagens e roteiros definidos. Os alunos conseguem captar diversas interpretações, gerando uma sensação de incompletude.

Para enriquecer o repertório cultural dos alunos, realizamos um estudo sobre a produção e a reflexão das videoartes do artista Bill Viola. Questões sociais e ambientais, como enchentes, queimadas, ocupação irregular de terras e eventos climáticos extremos, podem ser discutidas a partir de suas criações. Na série *Martyrs* de 2014, uma videoinstalação é composta por quatro painéis verticais, cada personagem é submetido a um dos quatro elementos naturais: fogo, terra, ar e água, como mostra a imagem 2.



Imagem 2. Videoarte – *Martyres*, Bill Viola, 2014. 7cm X 14 cm. Acesso: <https://artandchristianity.org/>

Com o objetivo de relacionar as videoartes produzidas pelos alunos, inspiradas na cultura local e em questões ambientais, realizamos um debate sobre suas conexões com a série *Martyrs*, do artista Bill Viola. No diálogo, surgiram diversas aproximações entre as produções, especialmente na representação dos elementos água e vento, e na forma como o ser humano se relaciona com esses elementos. Algo bastante



# extremos

34º Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

observado pelos alunos foi a possibilidade de múltiplas leituras das obras, justamente por não apresentarem falas, roteiros tradicionais e por serem de curta duração, o que potencializa a interação e reflexão do público diante das obras. Na imagem 3, temos o momento da apresentação e da discussão da obra de Bill Viola.



Imagem 3. Apresentação das obras de Bill Viola. 7 cm X 9 cm. Arquivo pessoal do Professor

Trazendo uma reflexão de Medeiros (2020), quando nos diz que a realidade educacional que queremos é a que nos permita ter de forma integral o conhecimento, também fundamentada em processos estéticos, a terceira etapa da nossa proposta pedagógica com videoarte e meio ambiente, foi realizar uma atividade ao ar livre, nas margens do cenário que inspirou todo o trabalho, a grade Açude Araras. Nos reunimos no mirante para debatermos a relação de nossas produções de videoarte com os aspectos ambientais da cidade. Na imagem 4, podemos observar o momento desta experiência estética.





# extremos

34° Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

Imagem 4. Aula no mirante do Açude Araras. 7cm x 11cm. Arquivo pessoal do Professor

O momento gerou um grande envolvimento dos alunos em torno do pensamento de como a arte pode adiar o fim do mundo. A seguir um relato de um aluno sobre a vivência:

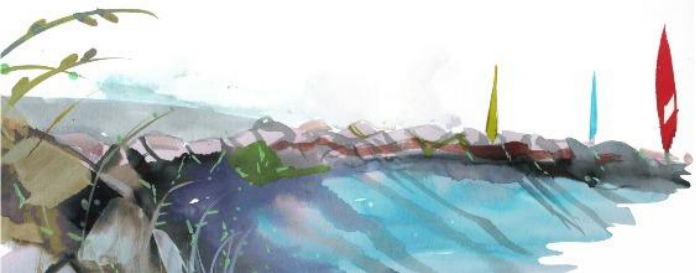
Esta vivência que tivemos está relacionada às águas do Açude Araras da nossa cidade, em que tivemos trabalhos e aprendizado sobre as suas lendas e histórias. E através desse conhecimento, realizamos as videoartes que despertam esse sentimento de querer preservar e cuidar do nosso Açude. (Entrevista, Aluno 2, 2025).

Para o Aluno 2, o contato com as lendas e narrativas da cultura local, durante o processo de criação das videoartes foi fundamental, não apenas para enriquecer sua produção artística, mas também para fortalecer seu vínculo com o território em que vive. Ao compreender a importância simbólica e histórica desses saberes, o aluno desenvolveu um sentimento de pertencimento, passando a olhar com mais cuidado e responsabilidade para os espaços da comunidade, especialmente o Açude Araras.

A seguir alguns relatos dos alunos sobre o momento nas margens do Açude Araras:

“Porque mostra que devemos conservar o nosso ambiente, as nossas raízes, mostrar que temos que aprender a respeitar os nossos patrimônios culturais e naturais”. (Entrevista do Aluno 3, 2025).

“A arte pode trazer uma sensibilidade para o público e assim cuidarmos do meio ambiente” (Entrevista do Aluno 4, 2025).



# extremos

34º Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

Podemos observar que os alunos reconhecem que, ao conhecerem os aspectos culturais do município, passam a criar elos mais fortes sobre a urgência de se relacionar e confluir melhor com o meio ambiente.

Os dois últimos encontros foram o estudo e a discussão do texto, “Arte para adiar o fim do mundo”, escrito por Alexandre Santiago, Lobna Essaba, Clarissa Nunes e Luciana Laponte, para os percursos temáticos do grupo Arteversa, da UFRS. Os autores apresentam reflexões de arte contemporânea e meio ambiente, através das obras dos artistas Carolina Caycedo, Cecília Vicuña, Daniel Canogar, Jaider Esbell, Xandalu, Denilson Baniwa.

Para finalizar a proposta de ensino de artes visuais, realizamos a leitura do texto no jardim da Escola e refletimos como a arte pode adiar o fim do mundo, fazendo um estudo de obras de artistas contemporâneos que trazem reflexões sobre o meio ambiente. Na imagem 5, observamos o momento da leitura e da discussão do texto com os alunos.



Imagem 5. Encontro com os alunos na EEMTI Waldir Leopércio. 7 cm X 12cm Arquivo pessoal do Professor

Um dos momentos alto da discussão, foi a leitura de uma fragmento do texto que traz as visões cosmológicas da lenda da cobra grande, com aspectos de interação com o meio ambiente.



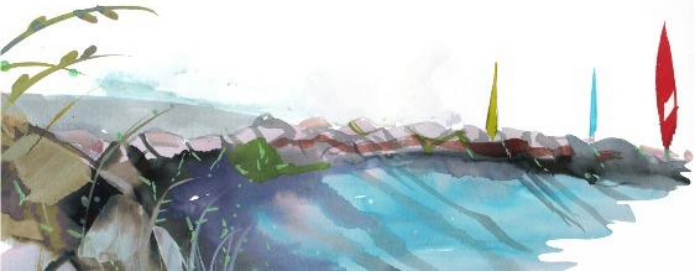
Para a cosmologia do povo Macuxi, a Cobra Grande é uma guardiã das águas subterrâneas. Ela ficaria embaixo da terra, sendo responsável pelas águas que jorram das nascentes. Nesse sentido, Jaider afirma que “a transformação da vida vem por meio de um estado de encantamento” e a cobra represente a capacidade de transformação. (Santiago, Essaba, Nunes e Laponte, 2024, p. 2).

Os autores apresentam a arte e o pensamento do artista Jaider Esbell como uma forma de evidenciar a força e a relevância de seu discurso. Jaider Esbell foi um artista e escritor indígena da etnia Makuxi que, por meio de suas obras, sempre valorizou a cultura de seu povo e denunciou as violências, a discriminação e as ameaças constantes aos direitos territoriais dos povos indígenas. Na imagem 6, é possível observar a instalação *Entidades*, formada por duas grandes cobras, exposta no Parque do Ibirapuera, em São Paulo.



Imagem 6. Instalação “Entidades”, Jaider Esbell. 7cm X 11cm. Fonte: [www.conexaoplaneta.com.br](http://www.conexaoplaneta.com.br)

A obra de Jaider Esbell dialoga diretamente com os aprendizados desenvolvidos na proposta pedagógica, ao trazer reflexões sobre a proteção e a cosmologia associadas à figura da “cobra” em diferentes culturas. Esse processo possibilita ampliar a compreensão sobre a relevância da arte contemporânea, especialmente da videoarte, no ambiente escolar. Por se tratar de uma linguagem que atua no campo expandido das materialidades e que estimula diversas formas de sensibilidade, sem apresentar



um discurso pronto ou fechado, sua produção e fruição são capazes de envolver o público em experiências de interação, conexão e reflexão com a natureza e o meio que os cerca.

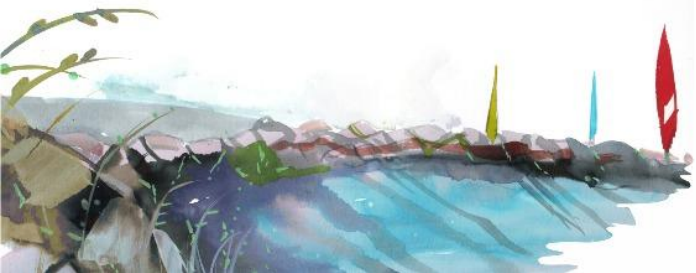
A arte contemporânea é um caminho, uma possibilidade, uma flecha que nos atravessa e pode nos mobilizar. Em um trabalho docente, podemos trabalhar a dimensão ambiental não apenas através do filtro da tragédia, mas também pela sua dimensão ancestral e estética? Ancestralidade esta que pode ser percebida e vivenciada através de uma consciência estética que se faz através da arte contemporânea, na criação de um novo olhar em relação a nós mesmos e com o meio onde vivemos. A arte contemporânea e suas multilinguagens nos convidam a diversas experiências que nos atravessa. (Santiago, Essaba, Nunes e Laponte, 2024, p. 2).

Santiago, Essaba, Nunes e Laponte, (2024), nos mostram que a arte contemporânea nos ajuda a romper com a ideia de que a educação ambiental deve ser conduzida unicamente pelo discurso da tragédia, do colapso e da destruição. Ao contrário, propõe que a interação com a natureza também pode ser construída a partir de uma perspectiva sensível, estética e ancestral.

## **Considerações finais**

Percebemos que a arte contemporânea, especialmente a videoarte, é capaz de provocar inúmeros questionamentos, fortalecendo o pensamento sensível e crítico dos alunos no ambiente escolar. Existe uma potente pedagogia na videoarte que deve ser incentivada e explorada pelos professores de Arte. A forma como essas obras são expostas na escola diz muito sobre seu potencial de alcance, tanto no desenvolvimento de reflexões quanto na possibilidade de promover mudanças de comportamento.

Ao introduzirmos conceitos atuais sobre a relação do ser humano com o meio ambiente, propomos um novo olhar sobre essa conexão. Percebemos que a natureza não precisa que cuidemos dela; o que, de fato, necessita são novas formas do ser humano se relacionar com seu entorno. A partir dessa reflexão, surge a importância



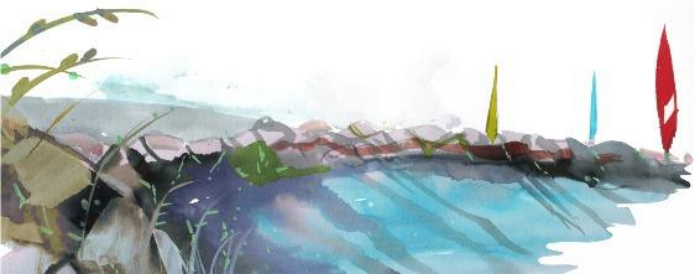
de sermos seres confluentes, que convivem em equilíbrio com todos os seres vivos e não vivos, rompendo com uma postura cosmo-fóbica, que nega ou teme essa conexão com o cosmos e com a natureza.

Grande parte do pensamento que sustenta os atuais modelos de desenvolvimento, pautados na exploração contínua dos recursos naturais, sem considerar os impactos de curto e longo prazo, é fruto de uma lógica profundamente colonialista. Por isso, torna-se essencial pensar e agir de forma contracolonialista. Nesse caminho, os saberes de Ailton Krenak e Nego Bispo são fundamentais para compreendermos o que significa viver na contemporaneidade a partir da ancestralidade.

A arte contemporânea, portanto, nos ajuda a resgatar a consciência de que somos, nós mesmos, parte da própria natureza. Ela nos lembra que os saberes ancestrais precisam permanecer vivos e em constante diálogo com os desafios do presente. Para muitos povos, o fim já chegou, chegou o EXTREMO. Por isso, a cada dia, é necessário adiar esse FIM, para que ele, de fato, nunca chegue.

## Referências

- CASTRO, Wesley do Nascimento. *História dos pescadores da cidade de Varjota*. Sobral: Universidade Estadual do Vale do Acaraú, 2005.
- COHN, Greice. *Pedagogias da videoarte: a experiência do encontro de estudantes do Colégio Pedro II com obras contemporâneas*. Rio de Janeiro: Cinemas e Educações, 2022.
- CUNHA, Susana Rangel Vieira da; CARVALHO, Rodrigo Saballa de. *Arte contemporânea e docência com crianças: inventários educativos*. Porto Alegre: Zouk, 2021.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2016
- KRENAK, Ailton. *Futuro ancestral*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- LEOTE, Rosangella. Multissensorialidade e sinestesia: poéticas possíveis? *ARS (São Paulo)*, v. 12, n. 24, p. 43–61, 24 dez. 2014. DOI: 10.11606/issn.2178-0447.ars.2014.96737.
- MEDEIROS, Wendel Alves. *Educação estética videográfica com licenciandos em artes visuais do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará*. Fortaleza – CE: Universidade Estadual do Ceará, 2020. Disponível em: [https://www.uece.br/ppge/wp-content/uploads/sites/29/2020/05/Tese\\_WENDEL-ALVES-DE-MEDEIROS.pdf](https://www.uece.br/ppge/wp-content/uploads/sites/29/2020/05/Tese_WENDEL-ALVES-DE-MEDEIROS.pdf). Acesso em: 10 junho. 2025.



# extremos

34º Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 10. ed. São Paulo: Hucitec, 2009.

PINKER, Steven. *Tábula rasa: a negação contemporânea da natureza humana*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SANTIAGO, Alexandre; ESSABA, Lobna; NUNES, Clarissa; LOPONTE, Luciana. *Arte para adiar o fim do mundo*. Porto Alegre: ArteVersa, 2024.

SANTOS, Antônio Bispo dos. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. *Encantamento: sobre política de vida*. Rio de Janeiro: Mórula, 2020.

## Notas

---

<sup>1</sup>. Mestrando em Artes pela Universidade Federal do Ceará (UFC), Especialista em Metodologia do Ensino de Artes pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Graduação em Licenciatura em Artes Visuais pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci (UNIASSELVE). Professor efetivo de Arte da SEDUC-CE. Professor efetivo de Arte da Prefeitura Municipal de Varjota – CE. Email: artedornelles@gmail.com. Lattes ID: [https://www.cnpq.br/cvlattesweb/pkg\\_impvc.trata](https://www.cnpq.br/cvlattesweb/pkg_impvc.trata). ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-6205-1193>. Varjota, Brasil

<sup>2</sup> Doutor em Educação pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), Mestre em Comunicação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Possui graduação em Artes Plásticas pelo Instituto Federal do Ceará (IFCE). Professor do Curso de Licenciatura em Artes Visuais - IFCE. Professor do Mestrado Profissional em Artes do Instituto Federal do Ceará (IFCE) e do Mestrado Profissional em Artes da Universidade Federal do Ceará (PROF-ARTES/UFC). Integra o IARTEH/UECE e ARTE UM/IFCE. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6267332553823146>. Fortaleza, Brasil.